

O jornalismo especializado e a especialização periodística

Frederico de Mello Brandão Tavares

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

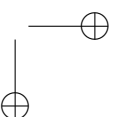
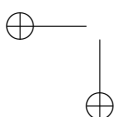
E-mail: fredericombtavares@yahoo.com.br

NO interior dos estudos de Jornalismo, um tema ainda muito pouco debatido é o jornalismo especializado. Talvez não tanto pela sua presença nos estudos, mas pela “envergadura” que os mesmos possuem em termos teóricos e/ou epistemológicos quando se toma tal jornalismo como objeto. Em outras palavras, pode-se dizer que o jornalismo especializado (como um tipo de jornalismo)¹ está disseminado nos mais diversos produtos jornalísticos e, por isso, permeia as reflexões sobre o campo; mas, muitas vezes, sua presença se dá mais como lugar de emergência de objetos, do que um objeto ele mesmo.

As reflexões existentes sobre este ramo do Jornalismo encontram-se caracterizadas, principalmente, por dois elementos: sua “juventude” enquanto campo de estudos e, ao mesmo tempo, a influência que este “sofre” da primazia, dentro do Jornalismo, de textos “normatizadores” de técnicas e práticas, em detrimento de pensamentos mais conceituais e abstratos. Além disso, um outro fator, ligado a estes dois, também deve ser destacado. Pensar em jornalismo especializado diz respeito a ter de buscar um consenso sobre três manifestações empíricas referentes às suas especializações. 1) A especialização pode estar associada a meios de comunicação específicos (jornalismo televisivo, radiofônico, ciberjornalismo etc) e 2) a temas (jornalismo econômico, ambiental, esportivo etc), ou pode estar associada 3) aos produtos resultantes da junção de ambos (jornalismo esportivo radiofônico, jornalismo cultural impresso etc). Cada uma dessas materializações solicita investigações e normatizações singulares, o que cria uma dificuldade para se pensar, epistemologicamente, o cenário mais amplo da especialização no jornalismo.

Diante deste contexto, este artigo busca traçar um quadro de reflexões sobre as discussões acerca do jornalismo especializado no interior da teoria

1. Ao longo do texto, utilizaremos a expressão “jornalismo especializado” para referir-se a este tipo de jornalismo, “Jornalismo Especializado” (em maiúsculo) para referir-se a este como campo científico, e “especialização jornalística” para pensar o mesmo a partir de suas práticas.



jornalística tendo como base textos de autores brasileiros e espanhóis. Os brasileiros, por dizerem respeito ao universo geográfico do qual falamos, além de compor uma parte da, pequena, bibliografia em língua portuguesa sobre o assunto. Já os espanhóis, por dizerem respeito, no campo do Jornalismo em geral, a reflexões mais institucionalizadas e amadurecidas sobre a *especialización periodística* e o *Periodismo Especializado*.

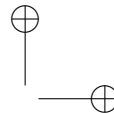
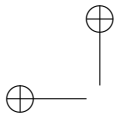
Na Espanha, o jornalismo especializado vem, desde a década de 1970, como atividade acadêmica (FERNÁNDEZ DEL MORAL, 2004), ocupando um lugar de destaque na formação dos estudantes de *Periodismo*, e a partir da década de 1980, principalmente, como objeto de estudo e como uma área científica dentro da chamada *Periodística* e das *Ciencias de la Comunicación*. Nesse sentido, este país encontra-se hoje, comparativamente a outros países, na “vanguarda” das reflexões sobre o jornalismo especializado. No Brasil, pode-se dizer que tais estudos praticamente ainda inexistem, havendo poucas publicações sobre o assunto (a maioria ainda de cunho mais “manualista” e menos teórico), bem como poucos cursos (e mesmo disciplinas e seminários) voltados para o tema.

Assim, no cruzamento e tensionamento do que se diz em ambos os universos de reflexão, buscaremos revisar e construir um mapa que possibilite pensar e adentrar este campo ainda pouco explorado do Jornalismo, a partir de uma dupla dimensão: seja como disciplina – o Jornalismo Especializado –, seja como prática profissional – a especialização jornalística.

O jornalismo especializado: entre a prática e a teoria

O jornalismo especializado é pensado, principalmente, a partir de duas perspectivas: uma normativa e outra mais conceitual. A primeira, mais direcionada para a produção deste tipo de jornalismo, apresenta-se em textos que se voltam para os preceitos e técnicas que circunscreveriam essa prática e processo jornalísticos. Já a segunda, está mais direcionada para a formulação de um lugar teórico para tal manifestação no campo do Jornalismo.

Nesta última, figuram reflexões sobre o conceito de jornalismo especializado e quais deveriam ser (este não é um processo consensual) seus métodos de pesquisa e teorias próprias, a fim de cercar uma possibilidade para se pensar o Jornalismo Especializado como uma disciplina científica. Também é



nesta segunda perspectiva, que aparece, de maneira tímida, a reivindicação sobre a existência e a necessidade de um maior número de investigações e pesquisas que se voltem para a especialização jornalística. Uma reivindicação por estudos que permitam que tanto o lugar normativo, quanto o teórico (mais conceitual), avancem de forma interligada no que diz respeito a este ramo do Jornalismo. Algo que, a nosso ver, diz de uma terceira perspectiva, a qual, acreditamos, entrelaça as duas primeiras: a da reflexão crítica sobre este tipo de jornalismo e suas particularidades².

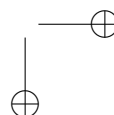
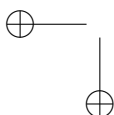
Historicamente, a especialização periodística está associada, em sua maioria, à evolução dos meios de comunicação e a formação de grupos sociais consumidores de mídia cada vez mais distintos. Sobre esta última questão, diz Berganza Conde: “la especialización periodística es fruto, en gran medida, de las exigencias de la audiencia, cada vez más diversa, que demanda contenidos específicos – como lo son sus intereses – y que éstos se aborden en profundidad y rigor. En definitiva, con calidad informativa” (BERGANZA CONDE, 2005, p. 39). Ou, complementando, como diz Quesada Pérez, “la actual heterogeneidad de las actividades sociales, sumada a la creciente especialización científica y laboral, hacen precisar al público de una información completa y exacta de sus núcleos de interés” (QUESADA PÉREZ, 1998, p. 26).

Neste cenário temos como protagonista a imprensa e as consequências deste processo tecnológico e social sobre ela.

Do ponto de vista dos conteúdos, dada a sua vocação de falar do mundo como um “todo”, buscando dar conta desse “todo”, a imprensa, como primeiro grande meio de comunicação jornalístico, sempre esteve fragmentada, falando “genericamente de coisas específicas”. Sua especialidade, pela palavra autorizada e pela fragmentação dos conteúdos, sempre existiu. No entanto, com a introdução de outros meios e, conseqüentemente de outros regimes de produção (de noticiabilidade, visibilidade e periodicidade), tal especialidade

2. Nesta terceira perspectiva poderiam ser elencados trabalhos de pesquisa que têm como objeto de estudo alguma manifestação empírica do jornalismo especializado e que, tangencial e/ou prioritariamente, busquem refletir sobre este jornalismo a partir de suas especializações e singularidades próprias.

Em nossa pesquisa de doutorado, por exemplo, em desenvolvimento na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Brasil), temos tentando pensar, neste contexto, sobre o jornalismo de revista e as especializações temáticas que cercam este universo jornalístico. Ver TAVARES (2008).



passou a bater de frente com a lógica da especialização, ou seja, de uma outra especialidade jornalística³.

Puesto que los periódicos ya no podrían ser los primeros en ofrecer la exclusiva informativa a sus lectores, era preciso ahora buscar otras soluciones atrayentes para mantener el interés de los lectores y asegurar la continuidad de los rotativos (QUESADA PÉREZ, 1998, p. 29 – 30).

Antes, o jornalismo impresso – principalmente o diário⁴ – falava de forma especializada sobre o mundo, mas dentro de uma lógica que se apoiava, basicamente, em dois preceitos: o da cobertura sobre os fatos e o do texto de “informação pura”. Com a chegada do rádio e posteriormente da televisão, aponta-se para o surgimento de uma crise cujo ápice está associado ao final da década de 1960 e início da década de 1970. E neste contexto é que, definitivamente, como apontam Berganza Conde (2005), Fernández del Moral e Esteve Ramírez (1996) e Quesada Pérez (1998), entra em cena a especialização jornalística propriamente dita. Além de questões externas (crise econômica, crise do papel, crise de distribuição da imprensa) que marcaram o período, a disputa por anunciantes entre os meios, a crise de credibilidade informativa (culminada, anos depois, com o escândalo de *Watergate* nos Estados Unidos), a adequação a novos públicos (como já dito) e a necessidade por uma virada textual, fizeram-se presentes. Tal cenário acabou por contribuir para uma questão fundamental, também discutida pelos autores do Jornalismo Especializado, e que diz da especialização jornalística: menos uma questão de conteúdos ou de audiências, a especialização deve ser pensada também como ligada a uma nova metodologia do trabalho jornalístico, fundadora de novos produtos (no sentido de notícias e textos).

Sem entrar na discussão se a imprensa alcançou ou não o propósito de uma melhor cobertura sobre o mundo, mais qualificada, é certo que quando se pensa na especialização dentro da imprensa diária, ainda persiste, muitas vezes, a predominância do olhar sobre a especialização muito mais pelos conteú-

3. Segundo Fernández Obregón (1998), a especialização jornalística insere-se hoje em um contexto no qual o aumento da demanda e do consumo de informação obriga o jornalismo a “replantearse conceptos clave como actualidad, noticiabilidad, democratización del saber, divulgación de conocimientos y responsabilidad social del periodista” (p. 6).

4. Apesar de já figurarem neste cenário, as revistas ainda não haviam atingido todo o seu “esplendor editorial”, o que ocorrerá, principalmente – tanto quantitativa quanto qualitativamente – após a década de 1970.

dos do que pelo método de trabalho. Fontcuberta (1993), mesmo referindo-se ao público e aos novos meios surgidos com os avanços tecnológicos, afirma de forma assertiva que quando “se habla de especialización no hay que referirse al tipo de medio o de audiencia sino a los contenidos” (FONTCUBERTA, 1993, p. 50, grifo da autora). E enfatiza:

hay que repetir que no son los medios los que especializan sino los contenidos. En todo caso los nuevos medios facilitan la difusión de los contenidos especializados, aunque, hoy por hoy, es la prensa la que ha llevado más lejos la tendencia a la especialización (FONTCUBERTA, 1993, p. 53).

Essa visada sobre os conteúdos permanece, de certa forma, em reflexão posterior, quando a autora associa a especialização jornalística à idéia do tratamento em profundidade, nos meios de comunicação, de um determinado campo do conhecimento. Segundo Fontcuberta (2006), o conceito de “periodismo especializado” possui um referente temático, sendo os temas sua autêntica “razão de ser”.

A especialização pelos conteúdos, apesar disso, indica indiretamente questões de consumo, de método e de linguagem, o que se observa também em outras perspectivas reflexivas.

No contexto brasileiro, alguns autores podem ser lembrados. Elcias Lustosa (1996), Mário Erbolato (1981) e Nilson Lage (2005) tratam do tema da especialização olhando para a imprensa e sua fragmentação informativa em editorias⁵. Erbolato (1981) diz entender por *Jornalismo Especializado* “as secções ou páginas diversas de um matutino ou vespertino” (p. 11), colocando a revista, por exemplo, em um outro tipo de jornalismo, mais *exclusivo* do que propriamente *especializado*. Lage (2005) classifica as editorias como

5. Essa mesma ideia está presente em Martínez Albertos: “el Periodismo Especializado se extiende a todas y cada una de las secciones que integran un periódico: política local, nacional, internacional, economía, deporte, espectáculos [...]” (MARTÍNEZ ALBERTOS, 1972, p. 319). O autor chega a falar em publicações especializadas, mas estas seriam aquelas voltadas especificamente para classes profissionais e/ou para circulação em ambientes técnico-científicos, como relembram Fernández del Moral e Esteve Ramírez (1996, p. 99).

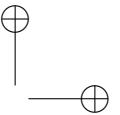
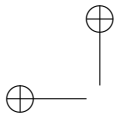
Outro autor que toca nessa diferenciação é Héctor Borrat (1993). Segundo ele, um dos dilemas do Jornalismo Especializado e de suas definições encontra-se localizado na distinção profissional de duas concepções: a de “prensa especializada” e a de “especialistas”. Ambas possuindo obstáculos para a construção de uma concepção própria para o Jornalismo Especializado, já que, segundo o autor, dever-se-ia pensar a especialização periodística não do ponto de vista de quem o produz, mas sim do texto que é produzido.

divisões, dentro do jornal, das áreas de atividade de interesse jornalístico e realiza, a partir dessa lógica, uma reflexão sobre o significado da especialização. Por fim, Lustosa (1996, p. 109) aponta a especialização do trabalho jornalístico “como uma conseqüência lógica da divisão do trabalho nos veículos de comunicação”.

Os três autores têm como foco empírico o jornalismo impresso diário. No entanto, nas reflexões dos dois primeiros (Lage e Lustosa) encontram-se presentes elementos que possibilitam a reflexão sobre o próprio conceito de especialização (como veremos a seguir), o que não ocorre nas proposições de Erbolato.

Nilson Lage (2005, p. 109) baseia-se na seguinte pergunta para desenvolver seu raciocínio: se as redações estão divididas em editorias e se cada uma dessas áreas pressupõe algum conhecimento específico, por que não “transformar especialistas [...] em jornalistas e não o contrário”? O autor aponta então algumas respostas para a questão, construindo, no final delas, seu argumento. Inicialmente, diz Lage, o trabalho do jornalista não poderia ser transferido ao especialista, pois cabe ao jornalista, como agente do público, relatar sobre as coisas do mundo com critérios do senso comum, o que não faria o especialista. Além disso, tal perspectiva, segundo o autor, inocentemente, não teria muito sentido já que, por essa ótica, “um professor de primeiro grau não precisa ser criança para comunicar-se com seus alunos, nem um médico abandonar o que sabe para expor um diagnóstico a alguém” (p. 109 – 110). Uma segunda resposta, mais consistente, diz respeito à ética profissional. Cada profissão teria seus próprios preceitos e, às vezes, o que fere a ética médica, não fere a ética jornalística, podendo, portanto, gerar um problema de veiculação de informações. A terceira resposta, ainda mais completa e que conduz a conclusão do autor, está ligada à questão da formação. Para Lage é mais “produtivo” e “econômico” para a sociedade que o jornalista se especialize.

A Teoria da Cognição sustenta que, para transmitir o conhecimento de algo, é preciso entender esse algo – isto é, construir um modelo mental dele. Um modelo mental é uma estrutura incompleta, aproximada e referida a um contexto cultural que é o acervo da memória. Isto significa que um repórter de política nacional, por exemplo, não precisa ser um cientista político [...], mas



deve dispor do máximo de informações sobre a história recente, a organização do Estado e a natureza dos fatos políticos (LAGE, 2005, p. 111 – 112)⁶.

O pensamento de Lage relembra a idéia da existência de um conhecimento jornalístico próprio – localizado entre o senso comum e o científico, mas singular⁷ – ao mesmo tempo em que ajuda a situar a questão da especialização dentro da profissão. Algo que de certa forma também é corroborado por Jurez Bahia (1990), ao falar sobre a especialização jornalística. Segundo o autor, seja qual for a seção do veículo jornalístico, quem deve realizar a “literatura técnica do produto a ser comunicado” é um “especialista treinado em notícias”. E o jornalista especializado deve estar preparado não apenas com o diploma, mas com boas informações (científicas e de acordo com a especialidade tratada), conhecimento técnico e experiência.

Já o pensamento de Lustosa (1996), que relaciona a especialização à divisão do trabalho, coloca em evidência o conceito de especialização como algo anterior ao jornalismo – como apontam as teorias sociológicas sobre o trabalho e sobre a setorização da ciência - e que teria, no jornalismo, mais um espaço de manifestação⁸.

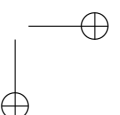
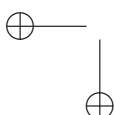
No âmbito espanhol, os professores catedráticos de Jornalismo Especializado na Universidade Complutense de Madri, Javier Fernández del Moral e Francisco Esteve Ramírez (1996), situam, de forma mais elaborada, a “especialização jornalística” no contexto da especialização do conhecimento e do trabalho. No livro *Fundamentos de la Información Periodística Especializada*, eles relembra alguns autores que trataram o conceito de especialização a partir de diversos enfoques: sob um viés negativo (Ortega y Gasset), sob um viés positivo (Friedmann) e sob um viés que concilie ambos os posicionamentos. Nesta última perspectiva, destaca-se a referência a Luis Borobio⁹ e sua descrição sobre a tensão existente entre os aspectos da especialização, indicando a necessidade de se pensar, sobre esta, um conceito mais “global”, que reúna diferentes pontos de vista:

6. Sobre a formação do jornalista especializado ver mais detidamente: BERGANZA CONDE (2005) e QUESADA PÉREZ (1998).

7. Sobre a noção de conhecimento jornalístico ver Meditsch (1997).

8. Um comentário vale ser feito: apesar da reflexão dos autores aqui elencados, ainda é quase inexistente uma reflexão sólida sobre o jornalismo especializado na literatura brasileira do jornalismo, construindo, efetivamente, uma reflexão de viés epistemológico.

9. A mesma definição encontra-se em BERGANZA CONDE (2005, p. 19).



La especialización exigida por la naturaleza misma de las cosas es la del que, ampliando su visión y sin olvidar nunca el conjunto, enfoca todo el caudal de sus conocimientos, integrándolos en un sentido. Según el primer concepto de especialización, un individuo es tanto más especialista cuanto más ha reducido su campo de acción; es la barbarie del espacialismo. Según el segundo, un individuo es tanto más especialista cuanto más ha profundizado en este campo; y esa profundización será tanto mayor, cuanto mayor sea la base de que se parte, el área de conocimientos a que él se dirigen, y la capacidad de relación. La especialización fecunda es la que integra el máximo volumen de conocimientos en una idea ordenadora (BOROBIO, 1981, p. 58 *apud* FERNANDÉZ DEL MORAL; ESTEVE RAMÍREZ, 1996, p. 52).

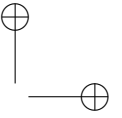
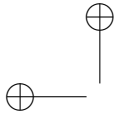
Os autores ainda complementam a reflexão sobre a especialização lançando mão do pensamento de Émile Durkheim sobre a divisão do trabalho:

En las sociedades superiores, el deber no es extender nuestra actividad en superficie, sino concentrarla y especializarla. Debemos limitar nuestro horizonte, elegir una tarea definida y dedicarnos a ella por entero, en lugar de hacer de nuestro ser una especie de obra de arte terminada y completa que obtiene su valor de sí mismo y no de los servicios que presta (DURKHEIM, 1967, p. 280 *apud* FERNANDÉZ DEL MORAL; ESTEVE RAMÍREZ, 1996, p. 52).

A partir deste cenário teórico, Fernández del Moral e Esteve Ramírez (1996) afirmam a especialização jornalística – sua formação e surgimento no interior do campo profissional – como advindo de uma dupla exigência: 1) do próprio público, cada vez mais setorizado e/ou, 2) como uma necessidade dos próprios meios para alcançar uma maior qualidade informativa e uma maior profundidade dos conteúdos para os quais se volta, algo que também já apontamos acima, no início deste texto, quando falávamos do surgimento histórico deste tipo de jornalismo.

Nesse processo de nascimento e consolidação da especialização jornalística, apontam os autores, valoriza-se a competência de tradução de setores muito especializados da vida social – as ciências e a mecânica, por exemplo – em codificações de alcance generalizado. Como assinala também Fernando Gutiérrez Atala ao definir esta especialização:

debemos entender la especialización como una herramienta disponible hoy día, con el objetivo de ampliar y de hacer comunicables contenidos espe-



cíficos que, sin ese conocimiento por parte del informador, no podrían ser transmitidos al público con objetividad y seriedad (ATALA, 2005, p. 2).

Atribui-se a esse tipo de jornalismo, portanto, o papel de buscar intermediar saberes especializados na sociedade, construindo um tipo de discurso que, noticioso, ou “apenas” informacional, promova um outro tipo de conhecimento que se funde – geralmente – na compreensão conjunta do universo científico e do senso comum. Uma característica que, como aponta o professor Esteve Ramírez (1999) marca o seu “lugar” como disciplina, direcionando e formatando seus objetos de estudo, assim como construindo seu próprio paradoxo epistemológico: o Jornalismo Especializado é “una disciplina especializada en unificar las distintas especializaciones” (p. 9).

“Outras” definições e características

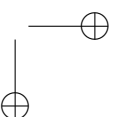
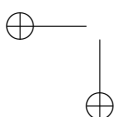
Nos estudos da “Periodística Española”, a especialização jornalística é comumente vinculada ao conceito de IPE (“Información Periodística Especializada”) ¹⁰, cujas bases estão voltadas para a ideia de um jornalismo no qual os conteúdos informativos não corresponderiam a características nem de generalismo, nem de superficialidade ¹¹.

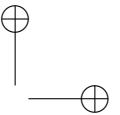
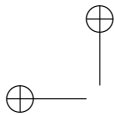
Além da noção de IPE, aparecem ainda as denominações *Periodismo Especializado*, termo pioneiro e também ligado a um viés mais profissional ¹² e o termo *Comunicación Periodística Especializada y Especialización Periodística*.

10. “[...] la Información Periodística Especializada (IPE) nace justamente para hacer frente a la especialización en el conocimiento. No se trata por tanto de ofrecer una disciplina específica sobre la especialización en información, cosa a todas luces absurda, como absurdo sería plantear disciplinas de medicina especializada, de derecho especializado o de economía especializada. Se trata, por el contrario, de hacer posible al periodismo su penetración en el mundo de la especialización, no para formar parte de ese mundo, no para convertir nuestros profesionales en falsos especialistas, no para obligar al periodismo a parcelarse, a subdividirse, a compartimentarse, sino al contrario: para hacer de cada especialidad algo comunicable, objeto de información periodística, susceptible de codificación para mensajes universales” (FERNANDÉZ DEL MORAL; ESTEVE RAMÍREZ, 1996, p. 11).

11. Ver: BERGANZA CONDE (2005); FERNANDÉZ DEL MORAL, ESTEVE RAMÍREZ (1996); QUESADA PÉREZ (1998).

12. Em seu livro *Periodismo Especializado*, Berganza Conde (2005) utiliza a expressão IPE para referir-se à disciplina e Periodismo Especializado para referir-se a este como prática jornalística.





tica. Uma definição mais recente, proposta no VI Encuentro del Instituto de Estudios de Comunicación Especializada em 2004, é a de *Comunicación periodística de los contenidos especializados* (MENESES FERNÁNDEZ, 2007).

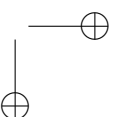
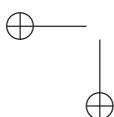
Este conflito terminológico, na verdade, reflete a inexistência, ainda atual, de um consenso sobre esta área do Jornalismo, pelo menos do ponto de vista científico. Os estudos que se apresentam, e que já possuem hoje uma certa notoriedade, preferem não afirmar sobre qual seria realmente o objeto de estudo e de atenção deste campo. No entanto, nas definições que se formulam, os preceitos básicos se justapõem e permitem, de alguma maneira, pensarmos de forma teórica e metodológica sobre o lugar empírico e profissional do jornalismo especializado. Nesse sentido, vale pensarmos outras conceituações e seus cruzamentos.

Uma definição corrente e situada como uma das mais pioneiras, a dos professores Pedro Orive e Concha Fagoaga, aponta:

la especialización periodística es aquella estructura que analiza la realidad, proporcionando a los lectores una interpretación del mundo lo más cabada posible, acomodando el lenguaje a un nivel en que se determine el medio y profundizando sus intereses y necesidades (ORIVE; FAGOAGA, 1974, p. 69).

Outras definições mais atuais também se apresentam. Para Maria Teresa Mercado Saéz (2006), a especialização jornalística diz respeito a uma estrutura informativa que abarca “todo o processo comunicativo” para apresentar a realidade através dos múltiplos âmbitos temáticos que são objeto de tratamento pelo jornalismo (por seus profissionais qualificados em distintos níveis de especialização), satisfazendo aos usuários e às suas demandas. No mesmo sentido, mas de forma mais completa, localiza-se a definição de Quesada Pérez:

Entiendo por Periodismo Especializado el que resulta de la aplicación minuciosa de la metodología periodística de investigación a los múltiples ámbitos temáticos que conforman la realidad social, condicionada siempre por el medio de comunicación que se utilice como canal, para dar respuesta a los intereses y necesidades de las nuevas audiencias sectoriales (QUESADA PÉREZ, 1998, p. 23).



Ambas as definições encontram-se muito próximas da definição de Javier Fernández del Moral, presente em seu *proyecto docente* de 1983, citado por Berganza Conde (2005). Diz Fernández Del Moral:

el periodismo especializado es aquella estructura informativa que penetra y analiza la realidad a través de las distintas especialidades del saber, la coloca en un contexto amplio, ofrece una visión global al destinatario y elabora un mensaje periodístico que acomoda el código al nivel propio, atendiendo sus intereses y necesidades (FERNÁNDEZ DEL MORAL, 1983 *apud* BERGANZA CONDE, 2005, p. 61).

Em tais definições apresenta-se uma mescla terminológica interessante que, ao falar do “jornalismo especializado” no sentido da “especialização jornalística” (aquela que configura um tipo de jornalismo), acaba por apontar, indiretamente, pelo segundo termo, para a definição do primeiro como campo de estudos. Assim, no Jornalismo Especializado, pode-se dizer, propõe-se sempre uma junção, independentemente do meio e do conteúdo, entre a necessidade de um processo de leitura distinto sobre o mundo e a adequação de termos e lógicas a uma linguagem acessível¹³ como parâmetros para se pensar essa prática jornalística. Por isso, outro aspecto muito relevado pelos estudiosos da área diz respeito aos métodos que seriam próprios tanto dessa prática jornalística, quanto dessa área científica. Com destaque, no caso, para a primeira metodologia, a profissional.

A esta, são citadas três grandes matrizes normativas: a do jornalismo investigativo – defendida principalmente por Quesada Pérez (1998, 2004), Atala (2005) e lembrada por Berganza Conde (2005) –, a do jornalismo interpretativo (BELTRÃO, 1976; ERBOLATO¹⁴, 2002) e de explicação¹⁵ (CASASÚS, 1988; BERGANZA CONDE, 2005) e a do jornalismo de precisão, cuja funda-

13. A professora Montserrat Quesada Pérez (1998) denomina este processo como um “esforço lingüístico” que deve ser realizado pelos jornalistas especializados para transformar em “conhecimento vulgar”, conhecimentos científicos ou altamente especializados.

14. Segundo Mario Erbolato (2002), o jornalismo interpretativo, em todas as suas definições, possui a seguinte convergência de características: explicação das causas de um fato, localização dele no contexto social (ou histórico) e suas conseqüências; o que fugiria, dentro do jornalismo impresso diário, da superficialidade das notícias.

15. Alguns autores apontam o jornalismo explicativo como sinônimo de jornalismo interpretativo. Outros, como Martínez Albertos (1972), definem este como o casamento entre o jornalismo interpretativo e o jornalismo informativo. Preferimos, aqui, tomá-los como sinônimos, convergindo em sua prática, entretanto, a junção que propõe o autor.

ção está associada ao pesquisador norte-americano Philip Meyer e encontra-se aplicada ao jornalismo especializado por Fernández del Moral (1993 – 1994).

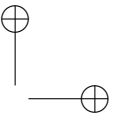
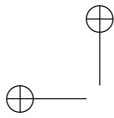
A metodologia de trabalho, além disso, é apontada também como fator diferenciador entre jornalistas *especialistas* e *generalistas* (QUESADA PÉREZ, 1998; SCALZO, 2004), estando relacionada aos âmbitos temáticos (LÓPEZ, 1995) nos quais ela estiver inserida, bem como às formas textuais delas resultantes.

Neste contexto, a reportagem, como apontam autores que trabalham sobre o tema, talvez seja o exemplo, por excelência, das manifestações deste tipo de jornalismo (especializado), materializando também de forma textual a produção derivada dos distintos métodos apontados acima.

A reportagem acompanha a especialização determinada por um veículo ou seção (de jornal, revista, programa televisivo etc), mas ultrapassa discursivamente o caráter “puramente noticioso” (no sentido de uma informação rápida e datada), podendo cumprir e exercer um papel de aprofundamento sobre as especialidades de que trata. Nela, seria possível a “execução” de um jornalismo “mais profundo”, “mais completo”, tal qual aquele pensado como “jornalismo explicativo”.

Hector Borrat (1993), em suas reflexões específicas sobre o jornalismo especializado, toma a questão textual como elemento de problematização do conceito de especialização jornalística. Caracterizando o jornalismo especializado como “una manera de producir textos periodísticos”, Borrat evoca os saberes da “Periodística” (tanto o da “teoria normativa”, que marca as regras do “deve ser” da especialização periodística; quanto o da “teoria empírica”, que analisa as narrativas jornalísticas presentes na grande imprensa) para postular o que caberia a uma “teoria do jornalismo especializado”. Assim, focalizando o texto, diz o autor: dever-se-ia observar na coerência interna deste, sua relação com a realidade e a pertinência teórico-metodológica de sua produção (as categorias e os modelos de análise nele aplicados). As duas primeiras questões (coerência interna e relação com a realidade) seriam válidas também para o jornalista generalista (que fala sobre os “fatos acessíveis” no mundo), mas a terceira (pertinência teórico-metodológica), coloca Borrat, caberia especificamente ao especialista, cujo conhecimento pleno de um assunto mais elaborado lhe permitiria a confecção de um texto dito especializado.

Apesar de ressaltar a importância da articulação da formação teórico-metodológica com a experiência profissional para a produção de um “bom”



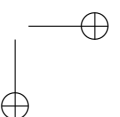
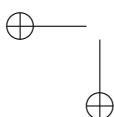
jornalismo especializado, Borrat deixa de colocar em questão até que ponto o texto (sua linguagem e conteúdo) deve ser pensado no todo do processo comunicativo no qual se insere (incluindo aí o meio e o público). O que não invalida, entretanto, o ponto de vista construído pelo autor.

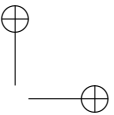
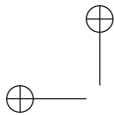
Pensar o texto como lugar de emergência de um objeto (de referência e de estudo) para o jornalismo especializado diz respeito, na verdade, a uma questão de fundo, que permanece na “necessidade básica” deste jornalismo: a de intermediar tematicamente saberes expertos de uma maneira acessível ao público, buscando não apenas transmití-los, mas também explicá-los (como normatiza a teoria). O que nos ajuda a refletir sobre como isso é feito e sobre quais significados, lacunas e contradições podem emergir deste processo, quando pensando no seu todo.

Do quadro geral apontado pelas reflexões até aqui levantadas é possível alcançar novamente uma outra dimensão, a do conhecimento jornalístico, associando-a à idéia da especialização. Segundo o professor Fernández Del Moral (1993 – 1994)¹⁶, o jornalismo especializado dá aos meios de comunicação a oportunidade de responder aos desafios do conhecimento em uma sociedade – a nossa – que vem perdendo referências amplas por não saber estabelecer análises profundas e rigorosas da vida cotidiana, relacionando-a à realidade da pesquisa científica. Algo que relembra, o pensamento de Giddens (2002) sobre o surgimento, em nossa sociedade, de novos intérpretes sociais, com destaque aí para mídia.

Nas argumentações deste autor, a mídia, bem como outros discursos contemporâneos, passa a atuar como elemento reflexivo na sociedade; e seus discursos, pode-se dizer, mais que tomados como mediadores entre um especialista e um leigo, mais que realizar uma passagem do saber para o senso comum, atuam também produzindo um tipo de conhecimento cuja valorização social dota-se de novas relevâncias (GIDDENS, 2002). Os sentidos que a mídia engendra colocam-na, sob este viés, como articuladora de um novo processo de referência e permitem um novo salto de qualidade (no sentido de uma mudança) da leitura e da interpelação de seus conteúdos informacionais.

16. Ao fazer essa ponte, o professor Fernández del Moral (1993 – 1994) propõe à “Información Periodística Especializada” (não apenas como conceito, mas como disciplina dentro da “Periodística”) o *status* de “uma nova Sociologia do Conhecimento”, na qual não haveria truques, nem manipulações, sendo constantemente julgada pela própria sociedade. Algo, a nosso ver, um pouco exagerado.





O conhecimento por ela produzido passa a orientar sujeitos e consumidores de uma outra maneira. Um processo, no entanto, que não deve ser pensado como unidirecional.

No caso da especialização jornalística (pensando o jornalismo no interior da mídia), como afirma Maria Pilar Diezhandino em suas reflexões sobre o jornalismo de serviço, é a informação

que aporta al receptor la posibilidad de efectiva acción y/o reacción. Aquella información, ofrecida oportunamente, que pretende ser del interés personal del lector-oyente-espectador; que no se limita a informar *sobre* sino *para*; que se impone la exigencia de ser *útil* en la vida personal del receptor, psicológica o materialmente, mediata o inmediatamente, cualquiera que sea el grado y el alcance de esa utilidad. La información cuya meta deja de ser ofrecer datos circunscritos al acontecimiento, para ofrecer respuestas y orientación (DIEZHANDINO, 1994, p. 32).

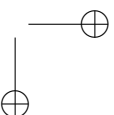
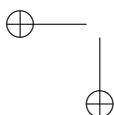
Nesse sentido, a informação do jornalismo especializado (aqui visto como um tipo de jornalismo), pensamos, deve ser considerada em um contexto de produção e recepção bastante marcado pela circulação de sentidos acerca de temas que dizem da sociedade e, ao mesmo tempo, da relação recíproca que esta estabelece com a mídia. Algo condizente com aquilo que Montserrat Quesada Pérez (1998), atribui ao próprio conceito de especialização jornalística, sua estrutura propriamente dita: conteúdos temáticos, setores da audiência e veículos de comunicação¹⁷.

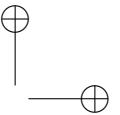
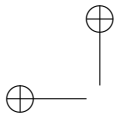
Segundo a autora, a tríplice especialização aí composta, mais que complexificar os elementos que compõem este campo do Jornalismo e sua prática, possibilitam pensar a interrelação fundamental existente entre eles para o “funcionamento” deste jornalismo; o que apontaria, a partir de sua dinâmica “universal”, para suas particularidades.

Para pensar outros objetos

Uma vez discutido o jornalismo especializado e suas dimensões, faz-se evidente uma importante questão sobre o Jornalismo. Segundo o professor

17. Meneses Fernández (2007) acrescenta a estes três aspectos o âmbito geográfico (qual a abrangência do jornalismo aí praticado) e a questão do método de trabalho (o que para Quesada Pérez, perpassa os três âmbitos por ela apontados).





português Nelson Traquina (2004), os estudos jornalísticos (ou teorias daí advindas), têm por questionamento central a seguinte pergunta: “Por quê as notícias são como são?”.

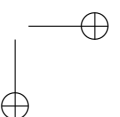
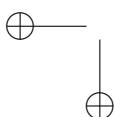
Sob este *prima*, partindo da relação do Jornalismo com o mundo que o cerca, busca-se compreender, segundo o autor, como o produto final da atividade jornalística – a notícia – é formatado, quais etapas e processos envolvem sua produção, quais contextos e ambientes perpassam sua elaboração, quem é o profissional que o produz, e, principalmente, quais são os referentes, a matéria-prima para a sua existência, tendo primazia, neste contexto, o acontecimento.

No entanto, o que se tem quando se pensa a especialização jornalística é, ao nosso ver, um cambio de objetos de estudo. Não mais apenas a notícia deve ser pensada, mas também uma série de universos temáticos, de questões técnicas e de segmentos de público. Todos estes, em conjunto, apontam para uma outra “função” dentro do Jornalismo no que diz respeito à sua atuação na sociedade, bem como oferecerem outros elementos de reflexão conceitual para se pensar a produção, recepção, os produtos jornalísticos e o jogo existente entre eles.

Nesse sentido, para além das manifestações propriamente noticiosas – predominantes no jornalismo cotidiano – deve-se observar como, mesmo dentro destas manifestações, mas também em outras, mais específicas, se dá a *especialização jornalística*. Deste cenário e de suas dimensões é que se torna importante refletir sobre outros processos e objetos que condicionam um outro viés para a produção do conhecimento e da informação jornalística; considerando, ainda, os significados e diferenças desta *especialização*, nas quais estão localizadas, também, suas próprias singularidades.

Do conjunto aí contemplado, que emerge da prática para pensar conceitos, métodos e teorias, tendo como pano de fundo a formulação de uma disciplina específica no interior do Jornalismo, explicita-se um movimento: o da reflexão sobre o universal a partir do tensionamento de particularidades (jornalísticas e empíricas)¹⁸ e das processualidades que as constituem. E, uma vez realizado esse percurso, fundador daquilo que se pode/poderá tomar por Jornalismo Especializado, este último passa a estar sujeito, como campo de saber, às variações íntimas que seus próprios objetos, empíricos ou não,

18. O que tentamos fazer aqui, partindo, principalmente, do contexto da imprensa.



lhes enviam/enviarão e lhes solicitam/solicitarão. Algo que diz do fazer científico em geral e, acima de tudo, da relação fundante que este possui com a realidade para o qual ele se volta e da qual ele mesmo faz parte.

Referências Bibliográficas

- ARRANZ, Fermín Galindo. “Propuesta de periodización histórica y evolución conceptual del periodismo de precisión”, julho de 2004. Consultado a 04 de abril de 2008, em <http://revistas.sim.ucm.es:2004/inf/11341629/articulos/ESMP0404110097A.PDF>
- ATALA, Fernando Gutierrez. “Bases conceptuales para considerar (y transformar) al periodismo de investigación una nueva herramienta de especialización informativa”, *Estudios de Periodismo y Relaciones Públicas*, Comunicación y Política, Universidad de Viña del Mar, Chile, Año V, Nº 5, segundo semestre 2005, disponível em <http://www.uvm.cl/comunicaciones/estudios2005/Ponencia%206%20GUTIERREZ.doc>, consultado a 04 de abril de 2008.
- BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica: história da imprensa brasileira*, 4 ed, São Paulo, Árica, 1990.
- BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo Interpretativo: filosofia e técnica*, Porto Alegre, Sulina, 1976.
- BERGANZA CONDE, Maria Rosa. *Periodismo Especializado*, Madrid. Ediciones Internacionales Universitarias. 2005.
- BOROBIO, Luis. “El fraccionamiento de saber”, en *Nuestro Tiempo*. nº 321. marzo. Pamplona. 1981 *apud* FERNÁNDEZ DEL MORAL, Javier & ESTEVE RAMÍREZ, Francisco. *Fundamentos de la Información Periodística Especializada*. Madrid, Editorial Síntesis. 1996.
- BORRAT, Hector. “Hacia una teoría de la especialización periodística”, *Revista Anàlisi*. Facultad de Ciências de la Información de la Universidad Autónoma de Barcelona, nº 15. 1993.
- BORRAT, Héctor. *Proyecto Docente* (1989). In: QUESADA PÉREZ, Montserrat, *Periodismo Especializado*. Madrid. Ediciones Internacionales Universitarias. 1998.

- CASASÚS, Josep María. *Iniciación a la periodística*. Barcelona. Tide. 1988.
- DIEZHANDINO, Maria Pilar. *Periodismo de Servicio*. Barcelona, Bosch Casa Editorial. 1994.
- DURKHEIM, Emile. *De la división del trabajo*. Buenos Aires. Schapire. 1967 *apud* FERNÁNDEZ DEL MORAL, Javier & ESTEVE RAMÍREZ, Francisco. *Fundamentos de la Información Periodística Especializada*. Madrid, Editorial Síntesis. 1996.
- ERBOLATO, Mário. *Jornalismo Especializado*. São Paulo, Atlas. 1981.
- ERBOLATO, Mário. *Técnicas de Codificação em Jornalismo – redação captação e edição em jornal diário*. 5 ed. São Paulo. Ática. 2002.
- ESTEVE RAMÍREZ, Francisco. *Comunicación Especializada*, Tucuman. Alicante. 1999.
- FERNÁNDEZ DEL MORAL, Javier. *Proyecto Docente (1983)*. In: QUESADA PÉREZ, Montserrat, *Periodismo Especializado*. Madrid. Ediciones Internacionales Universitarias. 1998.
- FERNÁNDEZ DEL MORAL, Javier. *Informática y estadística. Los nuevos desafíos de periodismo especializado*. In: Revista *TELOS*, Madrid, diciembre 1993 - febrero 1994. Consultado a 13 de março de 2008 em: http://www.campusred.net/telos/anteriores/num_036/index_036.html?cuaderno_central3.html
- FERNÁNDEZ DEL MORAL, Javier. “El Periodismo Especializado: un modelo sistémico para la difusión del conocimiento”. In: FERNÁNDEZ DEL MORAL, Javier (Coord.). *Periodismo Especializado*. Barcelona. Ariel. 2004. p. 17 – 32.
- FERNÁNDEZ DEL MORAL, Javier & ESTEVE RAMÍREZ, Francisco. *Fundamentos de la Información Periodística Especializada*. Madrid. Editorial Síntesis. 1996.
- FERNÁNDEZ OBREGÓN, Javier. *Especialización, futuro del periodismo*. Revista Latina de Comunicación. 7 de julio de 1998.
- FONTCUBERTA, Mar de. *Estructura de la noticia periodística*, Barcelona. ATE. 1981.
- FONTCUBERTA, Mar de. *La noticia*. Barcelona. Paidós. 1993.

- FONTCUBERTA, Mar de & BORRAT, Hector. *Periódicos: sistemas complejos, narradores en interacción*, Buenos Aires. La Crujía. 2006.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.. 2002.
- GOMIS, Lorenzo. *Teoria del periodismo. Cómo se forma el presente*. México. Paidós. 1991.
- GOMIS, Lorenzo & MATÍNEZ ALBERTOS, Jose Luis & LADEVÉZE, Luis Nuñez & CASASÚS, Joseph Maria. “Encuesta: ¿vive la comunicación periodística un cambio de paradigma?”, *Anàlisi. Quaderns de Comunicació i Cultura*. n° 28, Bellaterra. Universitat Autònoma de Barcelona. Departament de Periodismo i Ciències de la Comunicació. 2002. p. 157 – 185.
- LAGE, Nilson. *Linguagem Jornalística*. São Paulo. Ática. 1999.
- LAGE, Nilson. *A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro. Record. 2005.
- LÓPEZ, Manuel. *Cómo se fabrican las noticias*, Buenos Aires. Paidós. 1995.
- LUSTOSA, Elcias. *O texto da notícia*. Brasília. Ed. UnB. 1996.
- MARTÍNEZ ALBERTOS, José Luis. *La noticia y los comunicadores públicos*, Madrid. Pirámide. 1972.
- MEDITSCH, Eduardo. *O jornalismo é uma forma de conhecimento?*, In: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Setembro de 1997. 12f.
- MENESES FERNÁNDEZ, Maria Dolores. En torno al Periodismo Especializado. Consensos y disensos conceptuales, *Anàlisi*, n° 35. Barcelona. 2007. p. 137 – 152.
- MERCADO SAÉZ, María Tereza. “Aportaciones teóricas en torno al concepto de periodismo especializado”. In: *Question*. núm. 9, verano 2006. Universidad Nacional de La Plata. Argentina. 2006.
- MEYER, Philip. *Precision Journalism: a reporter's introduction to social science methods*. Indiana University Press. Bloomington. 1989.
- MEYER, Philip. *The New Precision Journalism*. Indiana University Press. Bloomington. 2001.

- ORIVE, Pedro & FAGOAGA, Concha. *La especialización en el periodismo*. Madrid. Dossat. 1974.
- PARRAT, Sonia Fernandez. “El debate en torno a los géneros periodísticos en la prensa: nuevas propuestas de clasificación”. *Zer. Revista de estudios de comunicación*, nº 11, noviembre 2001. Consultado a 27 de setembro de 2008 em:
<http://www.ehu.es/zer/zer11web/sferparrat.htm>
- QUESADA PÉREZ, Montserrat. *Periodismo Especializado*. Madrid, Ediciones Internacionales Universitarias. 1998.
- QUESADA, Montserrat. *Periodismo de Investigación: una metodología para el Periodismo Especializado*. In: FERNÁNDEZ DEL MORAL, Javier (Coord.). *Periodismo Especializado*. Barcelona. Ariel. 2004. p. 123 – 144.
- SCALZO, Marília. *Jornalismo de Revista*. 2. ed. São Paulo, Contexto. 2004.
- TAVARES, Frederico de Mello Brandão. *Revista e Vida Simples: complexidades na relação jornalismo e qualidade de vida*, Relatório de Qualificação de Doutorado. São Leopoldo, UNISINOS - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. 2008.
- TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são*. Vol. 1. Florianópolis, Editora Insular. 2004.

